

# Cidadania e Políticas Públicas Para a Sustentabilidade

Livro 4 - I CINEAI

(Orgs)

Paulo Roberto Ramos

Sidclay Cordeiro Pereira

Maria Neuza da Silva Oliveira

Rodrigo Leandro Ramos Barboza da Silva



Capa: José Tasso de Souza Alves

Os artigos desta coletânea e todo seu conteúdo são de inteira e total responsabilidade de seus autores.

---

E24Congressoe Ramos, Paulo Roberto et al (Orgs)

Cidadania e Políticas Públicas para a Sustentabilidade / Paulo Roberto Ramos, Sidclay Cordeiro Pereira, Maria Neuza da Silva Oliveira, Rodrigo Leandro Ramos Barboza da Silva (Orgs). – Juazeiro (BA): I Congresso Internacional de Educação Ambiental Interdisciplinar, 2023.

268f.

ISBN: 978-65-01-00582-9

DOI: 10.5281/zenodo.10999671

Livro 4 elaborado a partir da coletânea dos artigos apresentados no I Congresso Internacional de Educação Ambiental Interdisciplinar. São Paulo: UICLAP Editora, 2024.

1. Educação Ambiental. 2. Interdisciplinaridade. 3. Meio ambiente. 4. Sustentabilidade. I. Pereira, Sidclay Cordeiro. II. Oliveira, Maria Neuza da Silva. III. Silva, Rodrigo Leandro Ramos Barboza da. IV. Título.

CDD: 372.357

---

**I Congresso Internacional de Educação Ambiental Interdisciplinar  
I CINEAI**

# **AS HORTAS URBANAS EM PETROLINA (PE): A IMPORTÂNCIA DO ASSOCIATIVISMO PARA SEU FORTALECIMENTO E CONTINUIDADE**

Cláudio Evangelista de Sousa<sup>1</sup>

Antonio Pereira Filho<sup>2</sup>

Alineaurea Florentino Silva<sup>3</sup>

Sidclay Cordeiro Pereira<sup>4</sup>

1 - Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Pisuí (IFPI). E-mail: cláudio.evangelista@ifpi.edu.br

2 - Professor Adjunto do Colegiado de Engenharia Agrícola e Ambiental da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). E-mail: antonio.pereiraf@univasf.edu.br

3 - Pesquisadora da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Semiarido. E-mail: alineaurea.silva@embrapa.br

4 - Professor Adjunto do Colegiado de Geografia da Universidade de Pernambuco (UPE) – *Campus* Petrolina. E-mail: sidclay.pereira@upe.br

## **RESUMO**

A horticultura urbana é uma atividade econômica que vem ganhando importância nas últimas décadas em todo o mundo, tanto pela sua representatividade social e econômica por ter um papel de inclusão para grupos de pessoas que apresentam dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal, como pela importância ambiental que esse modelo produtivo pode significar, sobretudo em tempos em que se busca cada vez mais formas de alimentação mais saudáveis. No entanto, os produtores das hortas urbanas na cidade de Petrolina (PE) enfrentam enormes desafios que vão desde problemas estruturais graves nas áreas produtoras, até obstáculos decorrentes da baixa escolaridade ou ainda pelos desafios impostos pelas condições de mercado. O presente estudo se deu através da aplicação de metodologias participativas com ênfase na Matriz *SWOT* ou FOFA para obtenção de informações junto aos

produtores, além de um amplo levantamento bibliográfico por meio de plataformas como Google Scholar, Web of Science entre outras. Diante desse cenário atual, apresenta-se nesse trabalho a necessidade urgente de se buscar entre os produtores desse segmento econômico, a articulação para a criação de organizações sociais como cooperativas e/ou associações como meio para se empoderarem e fortalecerem suas atividades, abrindo com isso perspectivas positivas para a continuidade dessa atividade.

**Palavras-chave:** hortas urbanas; associativismo; cooperativismo; Petrolina (PE); Sustentabilidade.

## ABSTRACT

Urban horticulture is an economic activity that has been gaining importance in recent decades all over the world, both for its social and economic representativeness, for having a role of inclusion for groups of people who have difficulties in entering the formal labor market, and for the importance environmental impact that this production model can mean, especially in times when healthier ways of eating are increasingly sought. However, producers of urban gardens in the city of Petrolina (PE) face enormous challenges ranging from serious structural problems in the producing areas, to obstacles arising from low education or even the challenges imposed by market conditions. The present study was carried out through the application of participatory methodologies with emphasis on the SWOT or SWOT Matrix to obtain information from producers, in addition to a broad bibliographic survey through platforms such as Google Scholar, Web of Science, among others. Faced with this current scenario, this work presents the urgent need to seek, among the producers of this economic segment, the articulation for the creation of social organizations such as cooperatives and/or associations as a means to empower and strengthen their activities, opening with these positive perspectives for the continuity of this activity.

**Keywords:** Urban gardens; Associativism; Cooperativism; Petrolina (PE); Sustainability.

## RESUMEN

La horticultura urbana es una actividad económica que ha ido cobrando importancia en las últimas décadas en todo el mundo, tanto por su representatividad social y económica, por tener un rol de inclusión de grupos de personas que tienen dificultades para insertarse en el mercado laboral formal, como por la importancia del impacto ambiental que puede suponer este modelo productivo, especialmente en tiempos en los que cada vez se buscan formas más saludables de alimentación. Sin embargo, los productores de huertos urbanos de la ciudad de Petrolina (PE) enfrentan enormes desafíos que van desde graves problemas estructurales en las áreas productoras, hasta obstáculos derivados de la baja educación o incluso los desafíos impuestos por las condiciones del mercado. El presente estudio se realizó mediante la aplicación de metodologías participativas con énfasis en el FODA o Matriz FODA para la obtención de información de los productores, además de un amplio levantamiento bibliográfico a través de plataformas como Google Scholar, Web of Science, entre otras. Frente a este escenario actual, este trabajo presenta la urgente necesidad de buscar, entre los productores de este segmento económico, la articulación para la creación de organizaciones sociales como cooperativas y/o asociaciones como medio para empoderar y fortalecer sus actividades, abriéndose con estas perspectivas positivas para la continuidad de esta actividad.

**Palabras-clave:** huertos urbanos; asociativismo; cooperativismo; Petrolina (PE); Sostenibilidad.

## Introdução

A agricultura urbana é uma atividade econômica que cada vez mais vem tem o reconhecimento do seu papel de relevância, sobretudo no final do século XX e primeiras décadas do século

XXI. Além de buscar alinhar métodos de produção alimentar mais saudáveis, é um modelo produtivo que se insere em espaços das cidades que ainda estão ociosos ou subutilizados.

A prática da agricultura urbana colabora com a segurança alimentar e geração de renda para famílias pobres. Além disso, permite a ampliação de áreas verdes e microclimas mais agradáveis no ambiente urbano, tratamento de lixo e resíduos orgânicos de forma mais adequada, bem como disponibiliza alimentos saudáveis aos agricultores, comunidades e consumidores de maneira geral (ARRUDA, 2011).

Deve-se ainda ressaltar que a horticultura urbana promove a inserção social de segmentos importantes de trabalhadores que moram nas cidades, onde em sua maioria são marginalizados pelas atividades econômicas formais, sobretudo por possuírem níveis de escolaridades muito baixos. Dessa forma, esse modelo produtivo consegue absorver partedessa mão de obra que, certamente, teria graves desafios para obtenção de emprego e renda em outros segmentos da economia.

No entanto, a realidade vivenciada na cidade de Petrolina (PE) entre os horticultores urbanos é de grande abandono, salvo raros casos, por parte do poder público em suas diferentes esferas. O mesmo acontece no que diz respeito à exploração do potencial de parcerias com empresas do setor privado que poderiam atuar como grandes estimuladores da produção desenvolvida nas hortas do espaço urbano petrolinense.

Nesse contexto, a organização social dos produtores por meio da formação de cooperativas e/ou associação de produtores surge como uma possibilidade de fortalecimento e empoderamento desses produtores urbanos, criando com isso, maiores possibilidades de um futuro sustentável para esse segmento, tanto do ponto de vista econômico como social.

A metodologia desenvolvida para a produção desse artigo se baseou no levantamento bibliográfico sobre a temática do cooperativismo/associativismo, bem como em informações obtidas anteriormente na aplicação de metodologias participativas com ênfase na Matriz *SWOT* (*strengths, opportunities, weaknesses, threats*) ou FOFA para a compreensão do modus operandi e do contexto socioeconômico e ambiental das hortas estudadas.

Dentre as tantas hortas urbanas de Petrolina, foram selecionadas oito delas com base no tempo de existência, número de famílias envolvidas, amplitude da distribuição pelo espaço urbano da cidade e potencial de comercialização. Dessa forma, as unidades escolhidas foram as seguintes: Horta Comunitária da Rua João Barbosa da Cunha, no bairro João de Deus, Horta Comunitária da Avenida Terezinha Campos, no bairro João de Deus, Horta Comunitária do Centro de Convivência do Idoso Mimi Cruz, no bairro Alto do Cocar, Horta Comunitária da Escola Municipal José Joaquim, no bairro José & Maria, Horta Comunitária da Escola Estadual Antônio Padilha, no bairro José & Maria, Horta Comunitária da Escola Estadual Dom Antônio Campelo, no bairro Quati, Horta Comunitária da Escola Estadual Prof. Simão Amorim Durando, no bairro Rio Corrente e Horta Comunitária da Escola Estadual Otacílio Nunes de Souza, no bairro Areia Branca.

O presente artigo científico tem como objetivo mostrar a importância da organização social por meio de cooperativas e/ou associações para o fortalecimento da horticultura urbana em Petrolina (PE). Além disso, estabelecer relação entre a representatividade do cooperativismo/associativismo para a sustentabilidade econômica e social dos produtores em hortas do espaço urbano petrolinense. Tem ainda como propósito, ressaltar a importância social, econômica e ambiental da produção econômica desenvolvida nas hortas urbanas de Petrolina (PE).

## **Desenvolvimento**

### **Referencial Teórico**

O Associativismo é uma forma de organização social em que os atores sociais reunidos buscam atender seus objetivos em comuns por meio de ações conjuntas com a finalidade de superar as adversidades que impedem o sucesso de suas intenções (COTRIM, 2018).

O associativismo refere-se a um processo onde uma ou mais pessoas decidem reunir-se de maneira regular (não necessariamente contínua) para dar

conta de demandas comuns. Apresenta-se como um conjunto de práticas sociais dadas e localizadas historicamente, que propõem a autonomia das pessoas. Valorizando a cooperação entre elas e baseada na reciprocidade, na confiança, na pluralidade e no respeito mútuo. Desta maneira, o associativismo afirma um modo de ação coletivo que estabelece obrigações na busca de alcançar objetivos comuns que permitem a autogestão do coletivo (PEIXOTO, 2004).

Em vários tipos de segmentos econômicos a organização dos produtores em associações é de grande valia e com os horticultores urbanos é também muito significativo, pois representam um grupo vulnerável diante das condições impostas pelo mercado e pelas condições climáticas.

O associativismo é importante para democracia porque permite um olhar ampliado, promovendo o cultivo do desenvolvimento de virtudes cívicas, o querer coletivo e colegiado, a busca por algo melhor. Ao pressupor a igualdade social, permite ampliar os domínios da prática democrática, possibilitando alcançar por meios alternativos aos instrumentos institucionais, vozes que foram silenciadas (ou ainda não ouvidas) devido a desigualdades de renda e poder (PEDROSO, 2020).

Em linhas gerais, as associações são entidades sem fins lucrativos, correspondem a instituições de natureza jurídica que tem um objetivo de propor uma mudança social, sendo suas arrecadações destinadas exclusivamente ao patrimônio da instituição, não prezando pela acumulação de capital, nem exploração de mais-valia (OLIVEIRA; SILVA, 2021).

Mesmo sendo organizações que visem o lucro, as condições de competitividade diante dos diferentes agentes do mercado impõem muitas dificuldades aos produtores, pois os mesmos atuam quase em situação de limite financeiro, considerando os custos de produção e as condições de manutenção do funcionamento da horta.

As associações rurais organizam-se por meio de acordos, em grande parte informais, entre os agricultores; acordos nos quais a participação se efetiva pela manutenção do interesse dos participantes ou por instrumentos jurídicos simples, como o

registro em cartório especial ou por intermédio de uma associação sem fins econômicos, que formaliza a união, sem modificar o sistema de produção da unidade de produção familiar (COTRIM, 2018, p. 56-57).

Há três perspectivas analíticas que revelam, determinadas características democráticas das associações: capital social, movimentos sociais e sociedade civil. Existem potencialidades em promover a reprodução, a integração ou a transformação social; suas capacidades de alavancar o desenvolvimento econômico; o fomento de estruturas de pertencimento e de identidade cultural, constituem meios alternativos para dar voz aos desfavorecidos em função das condições desiguais de distribuição de dinheiro e poder (LÜCHMAN, 2014).

Os intermediários, também conhecidos como atravessadores representam um personagem ainda presente no meio dos horticultores urbanos, apesar dos produtores reconhecerem a função nociva ao negócio que os mesmos representam.

A formação destas redes agroalimentares de produção, distribuição e consumo, no espaço regional e local, acaba implicando na redução e eliminação dos intermediários entre produtores e consumidores, provocando a diminuição dos locais de passagens dos produtos dentro de uma determinada cadeia de valor, além de encurtar itinerários e o percurso dos alimentos dentro do sistema (GAZOLLA; SCHNEIDER, 2017).

Nas comunidades primitivas, nossos antepassados empregavam-se da caça e pesca para obter alimentos, e diante dos poucos recursos, organizavam-se em pequenos grupos dos quais deram origem as famílias. Com isso, a cooperação e as associações surgiram, devido ao instinto humano em buscar a sobrevivência, sendo considerada como um meio em que o homem poderia enfrentar os desafios propostos pela natureza (COSTA; OLIVEIRA; FIGUEIREDO, 2013).

Esse modelo de organização social no Brasil costuma ocorrer no Brasil, não só nas atividades agrárias, mas em qualquer segmento da economia, copiando modelos já implementados em outros países. Isso contribui para o atraso desse modelo de organização da produção na agricultura de pequeno e médio porte do Brasil em relação a outros países.

Tanto o associativismo quanto o cooperativismo no campo brasileiro surgiram para atender demandas do Estado em função do desenvolvimento do capitalismo e de seus objetivos em cada momento histórico. O movimento cooperativista no campo serviu de plataforma para a expansão das áreas agrícolas e modernização da agricultura após a década de 1960, e ao mesmo tempo – só que com destaque para década de 1980 –, o associativismo tem sido utilizado como disseminador de ideologias para limitar a atuação dos movimentos sociais (OLIVEIRA; SANTOS, 2015).

Ao nos reportar ao surgimento das práticas organizativas no Brasil, verifica-se que seu maior desenvolvimento se deu no campo. Trazidas pelos imigrantes europeus, essas práticas possuem, em sua natureza, características peculiares, construídas em consonância com o desenrolar da história do país. Sua estreita relação com o capitalismo e o impulso maior para sua implantação por meio do Estado demonstram a disparidade em seus objetivos quando comparado aos ideais que as fizeram surgir na Europa dos séculos XVIII e XIX (OLIVEIRA; SANTOS, 2015).

O cooperativismo e o associativismo tomaram corpo no Brasil como um movimento de Estado, especialmente após a economia brasileira fixar suas bases na agricultura. O Estado passou a ser seu grande financiador, caracterizando-o como instrumento de articulação para expansão das áreas agrícolas no modo de produção capitalista, que se consolidava no país. Essa intensa participação do Estado no direcionamento desses movimentos caracteriza sua natureza de mediador dos conflitos no jogo dos interesses antagônicos entre as classes (OLIVEIRA; SANTOS, 2016).

Além de promover a economia local em suas mais diversas atividades, inclusive na horticultura urbana, as organizações sociais como o cooperativismo e/ou o associativismo também estimula o fortalecimento dos produtores em diversos aspectos. Isso acontece porque existem alguns princípios básicos do associativismo que devem ser seguidos pelos membros envolvidos como a busca pela informação, qualificação e educação, o fortalecimento da ajuda mútua entre os produtores, uma gestão participativa ainda maior entre as partes, um maior interesse por parte da comunidade que

tendem a empoderar e fortalecer esse segmento da economia urbana.

As hortas urbanas compreendem modalidades de agricultura urbana com produção de alimentos nos centros urbanos. Podem ser implantadas em áreas ociosas, áreas públicas (praças, jardins, parques), terraços, canteiros, quintais, espaços institucionais (creches, escolas, universidades, hospitais, centros religiosos, centros de ressocialização/custódia), entre outros. Podem estar organizadas como hortas domésticas, comunitárias/coletivas, cooperativas, particulares, comerciais, e hortas processadoras de alimentos (FAO, 1999).

A produção desse artigo teve como uma de suas principais bases de sustentação a aplicação de metodologias participativas, sobretudo da Matriz *SWOT* ou FOFA, onde por meio dela foi possível perceber o atual panorama vivido pelos horticultores urbanos da cidade de Petrolina (PE). E o cenário observado foi o de que os produtores enfrentam uma enorme gama de obstáculos ou dificuldades.

Os métodos e ferramentas participativos podem ser utilizados para incorporar as ideias das pessoas nos planos de desenvolvimento e atividades de desenvolvimento ou de pesquisa. Também deve-se destacar que, a participação pode ser considerada um objetivo, isto é, a busca pelo empoderamento das pessoas auxiliando-as a adquirirem habilidades, conhecimentos e experiências para assumirem maior responsabilidade (ter o domínio) no seu desenvolvimento (DE BOEF & THIJSSSEN, 2007).

No caso em estudo, a adesão dos horticultores urbanos de Petrolina (PE) às organizações sociais como cooperativas e associações de produtores apresenta um papel de grande relevância, tendo em vista que parte do que é produzido, sobretudo em algumas hortas, destina-se aos compradores intermediários, conhecidos como atravessadores. Com isso, é possível eliminar ou reduzir a capacidade de ação negativa desses agentes aos negócios desses agricultores urbanos.

As políticas públicas não são neutras. Elas visam construir uma mudança na realidade concreta da sociedade e essa mudança é feita através de um sistema formal, no âmbito de relações interorganizacionais, intergrupais e interpessoais, envolvendo

racionalidades diferentes, onde os conflitos de representação se desenvolvem, numa rede de poder. (BARROS; ANDRADE; ANDRADE, 2023).

Além disso, a formação desses modelos de organização social potencializa a capacidade dos produtores das hortas na medida em que favorece a obtenção de parcerias com empresas que forneçam alimentação para seus funcionários, além de abrir caminhos para fornecer alimentação saudável para escolas das áreas onde estejam inseridas ou mesmo programas sociais de fornecimento de alimentação para as parcelas mais carentes da população. Tais condições, além de fortalecer as unidades produtoras já existentes, pode contribuir para o empoderamento dos agricultores de agora para o surgimento futuro de novas áreas de produção com ampliação de cultivos.

Deve-se ainda ressaltar que a incorporação do modelo de organização com base no cooperativismo e no associativismo e sua representatividade pode atuar também como meio de fortalecimento desse segmento da economia urbana buscando novas alternativas de captação de recursos por meio de obtenção de parcerias com instituição de pesquisas como universidades e centros de pesquisas. Nesse caso em questão seriam exemplos dessa possibilidade na cidade de Petrolina (PE) a Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), a Universidade de Pernambuco (UPE) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), bem como agentes políticos municipais e estaduais através da atuação de parlamentares ou ainda dos órgãos de governo.

O associativismo rural é conhecido como uma possibilidade primordial de facilitar as atividades econômicas a qual viabiliza a presença dos trabalhadores e pequenos proprietários no comércio agrícola com maior oportunidade de competição. Dessa maneira, a cooperação de modo formal entre sócios torna a produção e o comércio de bens e serviços rurais mais lucrativos. Sendo deste modo, uma formação coletiva na qual, todos serão beneficiários. Com isso, para possuírem condições de mercado, os pequenos produtores buscam sua rentabilidade por meio da constituição de associações (MAPA, 2016).

Desde a década de 1990 a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) tem apontado para a importância da Agricultura Urbana nos processos de superação da insegurança alimentar e superação das desigualdades sociais. Dados da FAO já em 1999 apontam para o quantitativo de 800 milhões de pessoas praticando agricultura urbana e produzindo aproximadamente 15 % dos alimentos consumidos no mundo (MENDONÇA, 2012).

Como a produção desenvolvida nas hortas urbanas visa minimizar ou eliminar a utilização de produtos químicos, e na atualidade compreende-se cada vez mais os malefícios causados à saúde da população em função do uso continuado desses insumos, esse segmento da economia urbana vem sendo cada vez mais reconhecido e valorizado. Soma-se a isso a valorização desses espaços urbanos que antes das hortas eram áreas ociosas e de pouca valorização.

Dessa forma, para o delineamento do desenvolvimento sustentável das cidades há a necessidade de além de contemplar as condições ambientais adequadas, devem dar uma importância à segurança alimentar e nutricional da população. Por meio disso, a agricultura urbana possa ser introduzida e estimulada no contexto urbano, não somente para a produção de alimentos, mas para contribuição do meio ambiente das cidades promovendo espaços verdes produtivos enquanto gera renda aos praticantes (MAAS; MALVESTITI; GONTIJO, 2020).

A horticultura urbana desenvolvida na cidade de Petrolina na atualidade depende essencialmente do esforço desenvolvido pelos próprios produtores, tendo em vista que a ausência de apoio político expressivo, assim como a inexistência de parceria com empresas do setor privado. Existem em algumas hortas com ação voluntária onde são apresentados aos produtores os meios para a produção de composto orgânico que é aplicado para melhorar as condições de fertilidade do solo.

Em situações esporádicas, há fornecimento de mão de obra de menores infratores resultante de parceria com projeto social que

visa a reinserção de menores infratores. Porém, esse tipo de suporte demanda esforços que dificultam sua repetição com maior frequência devido à logística que envolve o transporte e a supervisão desses jovens durante a execução das atividades nas hortas.

A organização dos produtores das hortas comunitárias de Petrolina (PE) em cooperativas e/ou associações contribui também para o fortalecimento desse segmento na busca pelo poder de barganha política, visto que em sua quase totalidade não dispõem de documentos comprobatórios de posse do terreno onde a horta está instalada. Isso termina inviabilizando ou dificultando a obtenção de direitos previdenciários quando os mesmos atingem a idade de aposentadoria.

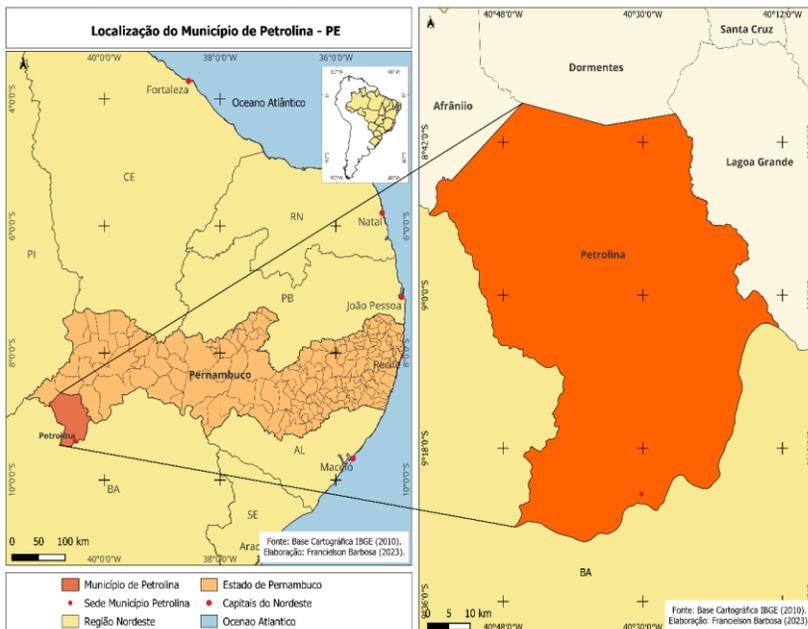
## **Metodologia**

A cidade de Petrolina (PE) fica situada no Vale do Rio São Francisco, no semiárido do nordeste brasileiro (ver mapa 01) e tem a Caatinga como paisagem natural da área em estudo. Quanto às coordenadas geográficas, a cidade fica localizada a 9°23'56''S e 40°30'02''W com altitude de aproximadamente 377 metros e distante cerca de 715 km de Recife, capital pernambucana.

Dentre as metodologias participativas que foram pensadas, definiu-se pela aplicação da Linha do Tempo, onde será feita a busca ou resgate de fatos e processos históricos que colaboraram para a construção de um diagnóstico e avaliação de processo socioambiental ao longo do tempo referente a um determinado grupo. Trata-se de uma metodologia que promove a tomada de consciência crítica pertinente à história e à realidade vivida por um determinado grupo social, o que possibilita apontar os caminhos a serem seguidos em processos de planejamento participativo (MARINHO; FREITAS, 2015).

Petrolina tem como limites geográficos municípios pernambucanos de Afrânio a noroeste, Dormentes, ao norte, Lagoa Grande, a leste e os municípios baianos de Juazeiro, ao sul e Casa Nova, a oeste.

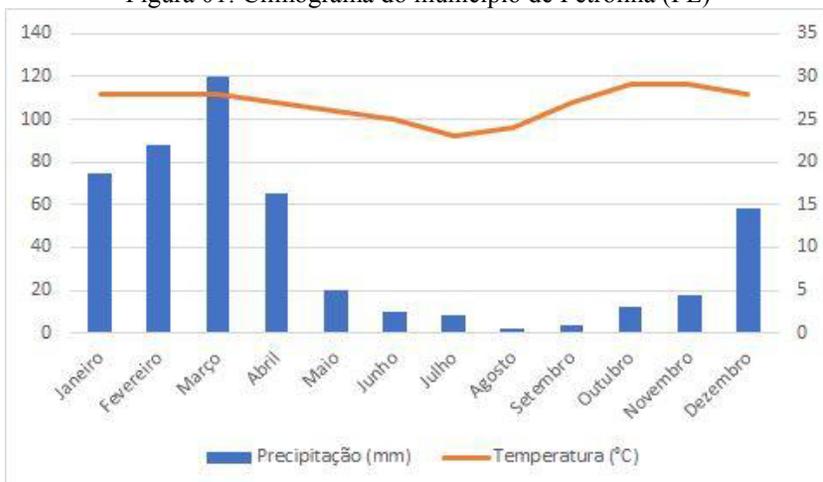
Mapa 01 – O município de Petrolina no mapa de Pernambuco.



Fonte: Base de dados do IBGE, elaborado por Francielson Barbosa

O climograma a seguir apresenta informações importantes sobre as condições climáticas da cidade de Petrolina.

Figura 01: Climograma do município de Petrolina (PE)



Fonte: UFCG, 2013.

Também houve a aplicação de metodologia participativa conhecida como Matriz *SWOT* ou FOFA que foi aplicada nesta pesquisa tem como características inerentes a busca por informações relatadas pelos agentes envolvidos e, nesse caso, houve amplo posicionamento de seus diferentes representantes de todas as hortas urbanas selecionadas para a pesquisa.

Figura 02: Matiz *SWOT* ou FOFA da Horta Comunitária da Avenida Terezinha Campos, no bairro João de Deus.

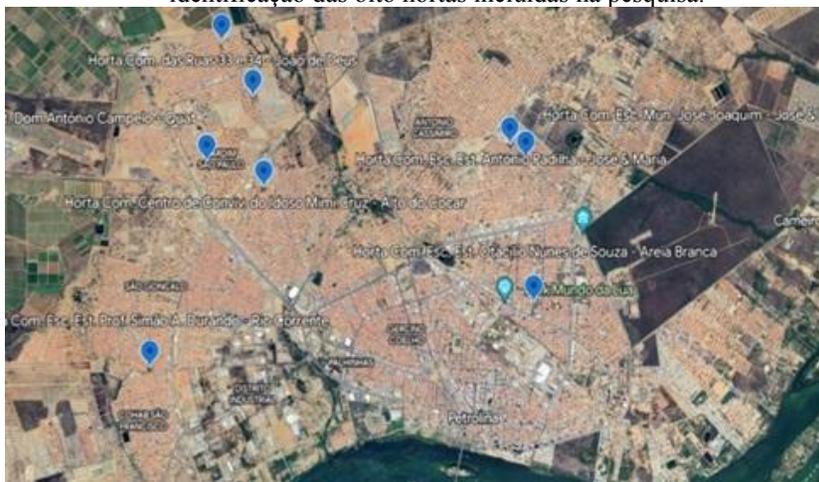


Fonte: Cláudio Evangelista de Sousa

Pretendeu-se neste momento, ter uma atenção especial voltada para um pleno posicionamento dos diversos grupos de produtores urbanos visando perceber seu processo evolutivo bem como as principais dificuldades ou obstáculos vivenciados na atualidade.

Como há um número expressivo de hortas urbanas no município de Petrolina-PE, foram definidos critérios para escolha de algumas delas consideradas como mais significativas para esse modelo de produção, tendo em vista que há uma grande quantidade de hortas e que a definição da quantidade de oitos hortas (ver imagem de satélite) para amostragem poderia representar um retrato válido para a temática pesquisada.

Figura 03: Imagem de satélite com vista parcial de Petrolina-PE com identificação das oito hortas incluídas na pesquisa.



Fonte: Google Earth. Acessado em 06/03/2023.

Embora pudessem ser incluídos um grande número de critérios para selecionar as hortas envolvidas, foram definidos para essa escolha das hortas foram os seguintes: o tempo de existência ou funcionamento, o número de famílias envolvidas ou beneficiadas com a produção, a dimensão ou área ocupada e sua relação com o potencial ou capacidade de comercialização, bem como a ocupação espacial da área urbana de Petrolina (PE).

A tabela a seguir, mostra informações básicas sobre as hortas que foram incluídas nesta pesquisa.

Tabela 01: Quadro-síntese com as principais informações em uma amostragem de hortas urbanas de Petrolina (PE).

LOCAL DAS HORTAS	BAIRRO DA HORTA	TEMPO	ÁREA (M <sup>2</sup> )	Nº DE FAMÍLIAS	PRINCIPAIS CULTIVOS
Escola Estadual Antônio Padilha	José & Maria	35 anos	4.093	11	Alface, cebolinha, coentro
Escola Municipal José Joaquim	José & Maria	25 anos	1.031	06	Alface, cebolinha, coentro e couve-folha

Centro de Convivência do Idoso Mimi Cruz	Alto do Cocar	30 anos	3.721	05	Alface, cebolinha, coentro e couve-folha
Av. Terezinha Campos	João de Deus	28 anos	7.702	11	Alface, cebolinha, coentro, couve-folha, tomate-cereja
Ruas João Barbosa da Cunha	João de Deus	28 anos	4.554	06	Alface, cebolinha, coentro e couve-folha
Escola Estadual Dom Antônio Campelo	Quati	15 anos	1.750	03	Alface, cebolinha, coentro e couve-folha
Escola Estadual Prof. Simão Amorim Durando	Rio Corrente	24 anos	4.856	12	Alface, cebolinha, coentro e couve-folha
Escola Estadual Otacílio Nunes de Souza	Areia Branca	30 anos	6.364	08	Alface, cebolinha, coentro, couve-folha, rúcula, capim santo

Fonte: Cláudio Evangelista de Sousa

## Resultados e Discussão

As condições climáticas (ver tabela) do município de Petrolina (PE) com médias térmicas elevadas durante quase todos os meses do ano, seus elevados índices de evaporação e os índices pluviométricos concentrados em alguns e a irregularidade das chuvas somam condições que representam desafios para quem desenvolve a horticultura urbana.

Com isso, demandam-se investimentos para adaptação às condições naturais que terminam por resultar na elevação dos custos da produção.

Tabela 02: Resumo com dados climatológicos de Petrolina entre 1991 e 2021.

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Temperatura média (°C)	27,8	27,3	27,3	27,0	26,1	24,8	24,0	24,4	26,1	27,7	28,4	28,2
Temperatura mínima (°C)	23,1	22,9	23,0	22,7	21,9	20,7	19,7	19,4	20,3	21,8	22,9	23,3
Temperatura máxima (°C)	32,9	32,4	32,3	32,0	31,0	29,7	29,1	30,2	32,4	33,9	34,1	33,5
Chuva (mm)	90	77	93	44	17	9	8	4	3	11	33	54
Umidade (%)	55	59	60	58	59	59	57	53	47	45	47	50
Dias chuvosos (d)	7	8	8	6	3	1	1	0	0	1	3	5
Horas de sol (h)	9,3	8,6	8,4	7,6	6,1	5,4	5,4	6,8	8,0	8,7	9,5	9,8

Fonte: <https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/pernambuco/petrolina-31938/> >> Acessado em 12/03/2023.

Os custos envolvendo utilização de mão de obra complementar, além das despesas com aquisição de insumos, equipamentos e ferramentas são extraídos do lucro obtido pelos próprios produtores. Além disso, ocorre com certa frequência em algumas hortas a ação de compradores intermediários, conhecidos como atravessadores que comprometem o alcance de maiores margens de lucros por parte dos produtores, já esses agentes exigem a cobrança de baixos valores pela produção em função do volume comprado. Soma-se a essa dificuldade, a situação de instabilidade financeira da grande maioria desses horticultores urbanos de Petrolina (PE).

Foto 01: Canteiros com produção de couve-folha e cebolinha na Horta Comunitária da Rua JoãoBarbosa da Cunha, no bairro João de Deus.



Fonte: Cláudio Evangelista de Sousa

Deve-se ainda ressaltar que a horticultura urbana é fortemente vinculada à produção familiar. Além disso, quando os horticultores assimilam maiores níveis de conhecimento sobre o que produzem, têm por consequência uma melhoria hábitos alimentares, resultando assim, em melhores condições de nutrição para as famílias envolvidas, bem como para as populações que residem no entorno das hortas ou mesmo para as comunidades beneficiadas como um todo.

A possibilidade de adquirir alimentos frescos e de qualidade, sendo colhidos na hora e com baixo uso ou até mesmo sem nenhum incremento de insumos químicos, e agrotóxicos pode contribuir para a redução de doenças que se vinculam ao consumo de alimentos produzidos com utilização excessiva de produtos químicos, sendo assim, nocivos à saúde de seus consumidores, sobretudo se considerarmos a nutrição infantil que representa um grupo etário mais vulnerável. Isso ganha maior importância quando a horta fornece alimentos para a merenda escolar, tendo em vista que nos casos de escolas públicas, teoricamente, se tem grupos sociais mais vulneráveis.

Foto 02: Vista parcial da Horta Comunitária da Escola Estadual Otacilio Nunes de Souza, no bairro Areia Branca.



Fonte: Cláudio Evangelista de Sousa

Por fim, deve-se observar que a presença das hortas comunitárias representa uma aproximação geográfica entre a

produção de alimentos e a população consumidora, pois nesse modelo de produção se tem uma redução considerável dos custos com transportes dos alimentos. Soma-se a isso, o fato de que a produção dos horticultores urbanos resulta em forte incentivo e incremento aos mercados locais.

Foto 03: Vista parcial da Horta Comunitária da Escola Estadual Antônio Padilha, no bairro José & Maria.



Fonte: Cláudio Evangelista de Sousa

A criação de cooperativas e/ou associações de horticultores urbanos na cidade de Petrolina (PE) ainda é uma realidade distante em boa parte das hortas da cidade de Petrolina (PE), pois há condições elementares para esse modelo de organização social sair do papel como a compreensão dos mecanismos de funcionamento de cooperativas e/ou associações que os produtores ainda não dispõem e o baixo nível de instrução somada à ausência de formação em cursos de orientação técnica e suporte organização dificultam a criação desse modelo de gestão da produção.

## Conclusão

A produção das hortas urbanas tem um papel de reconhecido destaque ao tempo em que contribuem para incrementar a garantia de segurança alimentar, sobretudo se considerarmos que representam um modelo de produção de

alimentos que possuem um consumo imediato, diferentemente do que acontece com os negócios de produção em maior escala.

Diante desse quadro, a orientação e empoderamento desses produtores para buscarem uma maior organização social através da criação de cooperativas ou associações surge como uma necessidade urgente, pois tais produtores urbanos atuam praticamente no limite da capacidade de sustentabilidade financeira. Isso se torna ainda mais grave na medida em que tem havido aumento dos preços dos insumos conforme relatos desses agricultores urbanos.

Com isso, por não terem atingido um nível de organização social em cooperativas e/ou associações, os produtores as possibilidades de obtenção de recursos financeiros através de linhas de créditos bancários voltados para agricultores são muito restritas, já que os bancos exigem contrapartidas de penhoras por parte de sua clientela.

Outra conclusão a que se pode chegar é que a manutenção do atual panorama econômico e social dos horticultores urbanos de Petrolina (PE) e sua limitação na produção termina por não oferecer um grande estímulo para jovens ingressarem nesse tipo de atividade, tanto por ser uma atividade que exige uma longa jornada diária de dedicação como por não proporcionarem maiores ganhos por meio da ampliação da produção. Essa expansão da capacidade produtiva que as organizações sociais de produtores poderiam almejar teria grandes possibilidades de proporcionar maior visibilidade não somente nos bairros adjacentes como também ocasionar uma ampliação no raio de atuação das hortas, ampliando com isso, seus consumidores.

## **Bibliografia**

ARRUDA, J.; ARRAES, N. A. M. Análise do programa de hortas comunitárias em Campinas-SP. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, [S. l.], v. 9, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/147>. Acessado em: 30 mar. 2023.

BARROS, C. C.; ANDRADE, H. M. L. da S.; ANDRADE, L. P. de. Dinâmicas socioespaciais a partir da agricultura urbana: o caso do “projeto integrado das hortas comunitárias” no entorno do Ceasa/PE. *Ciência Geográfica - Bauru - Ano XXVII - Vol. XXVII - (1): Janeiro/Dezembro – 2023*. Disponível em: <[https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXVII\\_1/agnb\\_xxvii\\_1\\_web/agnb\\_xxvii\\_1-08.pdf](https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXVII_1/agnb_xxvii_1_web/agnb_xxvii_1-08.pdf)> Acessado em 04 abril 2023.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *Associativismo Rural*. Brasília/DF, [2016]. Disponível em: <<http://agricultura.gov.br/cooperativismo-associativismo/associativismo-rural>>. Acessado em: 20 fev. 2023.

COSTA, M. do S. C. de; OLIVEIRA, A. C. S.; FIGUEIREDO, R. J. L. *Associativismo*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Instituto Centro de Ensino Tecnológico –CENTEC, 2013. 32 p. Disponível em: <https://issuu.com/edicoesdemocritorocha/docs/associativismo?e=3799256/1031569>

COTRIM, D. S. *Organização social e associativismo rural* In: MOCELIN, D. G; GEHLEN, I. (orgs). *Organização social e movimentos sociais rurais*. 2ª ed. — Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

DE BOEF, W.S.; M.H. THIJSSSEN. *Ferramentas participativas no trabalho com cultivos, variedades e sementes: um guia para profissionais que trabalham com abordagens participativas no manejo da agrobiodiversidade, no melhoramento de cultivos e no desenvolvimento do setor de sementes*. Wageningen, WageningenInternational, 87 pp, 2007.

FAO. *O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Brasil. Agendas convergentes*, 2015. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, outubro de 2015. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca\\_alimentar/SANnoBRasil.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca_alimentar/SANnoBRasil.pdf). Acessado em: 28 fev. 2023.

GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (orgs). Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232245/001020657.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acessado em: 01 mar. 2023.

LÜCHMANN, L. H. H. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 29 n° 85. 2014. 159-226p. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/dKQNRmfDBnkZ6F59xpW6wYF/abstract/?lang=pt>> Acessado em 01 mar. 2023

MAAS, L., MALVESTITI, R.; GONTIJO, L. A. O reflexo da ausência de políticas de incentivo à agricultura urbana orgânica: um estudo de caso em duas cidades no Brasil. Cadernos de Saúde Pública. 2020. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/csp/a/H8nKFyjDjvhJvHPJ8FzjgTH/?lang=pt>> Acessado em 02 mar. 2023

MARINHO, C. M.; FREITAS, H. R. Utilização de Metodologias Participativas nos processos de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER): Fundamentos teórico-práticos. Extramuros, Petrolina-PE, v. 3, n. 3, p. 10-28, edição especial, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/764/526>>Acessado em: 23 de dez. de 2022.

MENDONÇA, M. M. de: Semeando Agroecologia nas Cidades. Agriculturas: experiências em Agroecologia.v. 9 - n. 2., pp. 4-5, 2012. Disponível em <http://aspta.org.br/files/2012/10/Agriculturas-V9N2-SET-2012.pdf> Acessado em 01 mar. 2023.

OLIVEIRA, R. D. de; SILVA, J. A. L. da. Associativismo e extensionismo: proposta de ecoturismo e reprodução de quintais produtivos na Ilha de Caratateua, Belém-PA. Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista. Volume 17, número 2, 2021.

OLIVEIRA, R. S. de. SANTOS, J. de L. Organização dos pequenos produtores: o cooperativismo/associativismo no polo

irrigado Petrolina /Juazeiro. IN: Estados, políticas públicas e território. Eraldo da Silva Ramos Filho *et al.* 1ª Ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

PEDROSO, G. (RE) Florestando sentidos: a produção de alimentos e o Associativismo civil na Rede Semear – Florianópolis/SC. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, UFSC, Florianópolis, 2020.

PEIXOTO, P. Associativismo. In: A outra economia. Antônio David Cattani (Org). 1ª ed. Veraz: Porto Alegre, 2003.

## **Agradecimentos**

Ao Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas de Desenvolvimento do Semiárido (PPGDiDeS) da UNIVASF, ao Projeto Participa da Embrapa Semiárido e aos agricultores das hortas que disponibilizaram o tempo deles para o desenvolvimento do trabalho.